

# Internacionalização e diálogos afro-diaspóricos: experiências transatlânticas na formação docente de jovens negros brasileiros em Moçambique<sup>1</sup>

Olavo Lisboa dos Santos<sup>1\*</sup>  Pedro Henrique de Oliveira Tessarin<sup>2\*</sup> 

<sup>1</sup>Universidade Federal de Uberlândia – Brasil

<sup>2</sup>Universidade Federal de Uberlândia – Brasil

\*Autor de correspondência: [olavo1819@gmail.com](mailto:olavo1819@gmail.com)

## RESUMO

O trabalho é um relato de experiência que tem como objetivo principal compreender como as vivências de internacionalização em Moçambique contribuem para a formação docente de jovens negros brasileiros e para o fortalecimento dos diálogos afro-diaspóricos entre Brasil e Moçambique. Essa experiência, viabilizada por políticas como o Programa Abdias Nascimento (CAPES), que visam democratizar a mobilidade e fortalecer a cooperação Sul-Sul, é vista como a materialização de um sonho historicamente negado a corpos negros. A metodologia utilizada foi o próprio relato de experiência, complementado por extenso trabalho de campo e observação participante, detalhando as atividades na Universidade Pedagógica de Maputo (UPM) e a imersão cultural, que incluiu encontros com a escritora Paulina Chiziane e a participação no festival Gwaza Muthini. As vivências permitiram ampliar a compreensão da diversidade cultural negra e serviram como recusa ao "epistemicídio" e à superação da colonialidade. A conclusão mais importante é que internacionalizar o ensino superior é também afrocentrar o olhar, permitindo que modos de ser e saber se encontrem sem hierarquias, consolidando a luta por currículos e universidades antirracistas e decoloniais.

## PALAVRAS-CHAVE:

Internacionalização.  
Formação docente.  
Juventude Negra.  
Diálogos afro-diaspóricos.

## ABSTRACT

This paper is an experience report whose main objective is to understand how internationalization experiences in Mozambique contribute to the teacher education of young Black Brazilians and to the strengthening of Afro-diasporic dialogues between Brazil and Mozambique. This experience, made possible by policies such as the Abdias Nascimento Program (CAPES), which aim to democratize mobility and strengthen South-South cooperation, is seen as the materialization of a dream historically denied to Black bodies. The methodology used was the experience report itself, complemented by extensive fieldwork and participant observation, detailing activities at the Pedagogical University of Maputo (UPM) and the cultural immersion that included meetings with the writer Paulina Chiziane and participation in the Gwaza Muthini festival. These experiences broadened the understanding of Black cultural diversity and served as a refusal of "epistemicide" and as a path to overcoming coloniality. The most important conclusion is that internationalizing higher education also means adopting an Afrocentric perspective, allowing ways of being and knowing to meet without hierarchies, thus consolidating the struggle for anti-racist and decolonial curricula and universities.

## KEYWORDS:

Internationalization.  
Teacher Education.  
Black Youth.  
Afro-Diasporic Dialogues.

## RESUMEN

Este trabajo es un relato de experiencia cuyo objetivo principal es comprender cómo las vivencias de internacionalización en Mozambique contribuyen a la formación docente de jóvenes negros brasileños y al fortalecimiento de los diálogos afro-diaspóricos entre Brasil y Mozambique. Esta experiencia, posibilitada por políticas como el Programa Abdias Nascimento (CAPES), que buscan democratizar la movilidad y fortalecer la cooperación Sur-Sur, se entiende como la materialización de un sueño históricamente negado a los cuerpos negros. La metodología utilizada fue el propio relato de experiencia, complementado con un amplio trabajo de campo y observación participante, que detalla las actividades en la Universidad Pedagógica de Maputo (UPM) y la inmersión cultural, que incluyó encuentros con la escritora Paulina Chiziane y la participación en el festival Gwaza Muthini. Las vivencias permitieron ampliar la comprensión de la diversidad cultural negra y sirvieron como una forma de rechazo al "epistemicidio" y de superación de la colonialidad. La conclusión más importante es que internacionalizar la educación superior también significa afrocentrar la mirada, permitiendo que los modos de ser y de saber se encuentren sin jerarquías, consolidando la lucha por currículos y universidades antirracistas y decoloniales.

## PALABRAS-CLAVE:

Internacionalización.  
Formación docente.  
Juventud negra.  
Diálogos afro-diaspóricos.

**SUBMETIDO:** 29 de outubro de 2025 | **ACEITO:** 22 de novembro de 2025 | **PUBLICADO:** 23 de dezembro de 2025

© ODEERE 2025. Este artigo é distribuído sob uma Licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), por meio do Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias Nascimento, a partir do projeto do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) da UFU intitulado de Formação Intercultural em Estudos Afro-Brasileiros e Africanos: conexões entre Brasil e Moçambique.

## 1. Primeiras Marés: o chamado da travessia

No Brasil, aprendemos desde cedo que somos descendentes de “escravos”, omitindo o fato de que milhares de corpos negros africanos foram trazidos à força para este território e submetidos à escravização. Esses homens e mulheres foram separados de suas famílias, torturados, abusados e assassinados, sem direito algum. Na linguagem, cada palavra carrega múltiplos significados, e o feminismo negro nos ensina a importância de os nomear corretamente (hooks, 2013, p. 86; RIBEIRO, 2019, p. 9).

Este breve parágrafo busca rememorar um dos processos mais cruéis da história: a escravização — um dispositivo de racialidade (CARNEIRO, 2023) utilizado pelo colonialismo para explorar e lucrar com o sangue negro. É também um chamado para evidenciar que, mesmo quando arrancam as flores de nossos territórios, as sementes resistem e germinam em outros solos.

Dessas sementes nascem poetas, escritores(as), pesquisadores(as) e artistas que fazem da comunicação sua principal forma de reexistência. Voltamos, agora, não mais de forma forçada, mas com vontade própria e em liberdade. Escutem as vozes e leiam as palavras de negros e negras livres (DJONGA, 2025).

Estamos voltando. Pessoas negras e pessoas brancas conscientes da forma como o Brasil foi construído reconhecem esse movimento de retorno, semelhante ao sentimento descrito por Freire (1978, p. 9) ao pisar em solo africano e perceber que não estava chegando, mas voltando.

Esse processo de retorno é fruto da luta histórica dos movimentos negros brasileiros, que há séculos resistem para garantir que o povo negro possa falar, se comunicar e ocupar as universidades públicas. Foi por meio de intensa mobilização social e do compromisso de um governo popular — o primeiro governo Lula (2003) — que políticas voltadas aos mais pobres, e, portanto, à maioria negra da população, se tornaram possíveis.

Dessa forma, este relato busca evidenciar a importância das políticas públicas, especialmente as de internacionalização e as ações afirmativas, como o sistema de cotas, que têm possibilitado que o povo negro retome, com dignidade e liberdade, o lugar que lhe foi historicamente negado.

A questão que orienta este relato de experiência é: como as vivências de internacionalização em Moçambique contribuem para a formação docente de jovens negros brasileiros e para o fortalecimento de diálogos afro-diaspóricos entre Brasil e Moçambique?

Tendo como eixo central essa indagação, estabelecemos como objetivo geral compreender as contribuições das vivências de internacionalização em Moçambique para a formação docente de jovens negros brasileiros, a partir de uma perspectiva transatlântica e afro-diaspórica. Como objetivos específicos, buscamos: relatar as experiências de internacionalização vividas por jovens negros brasileiros em Moçambique; refletir sobre os impactos dessas vivências na formação docente e nas identidades culturais e analisar como tais experiências fortalecem os diálogos afro-diaspóricos entre Brasil e Moçambique.

Este relato é construído por dois jovens negros brasileiros, um oriundo da região Norte e outro da região Sudeste do Brasil, cujas trajetórias se cruzam nas lutas e conquistas de uma geração que carrega singularidades, particularidades e também universalidades de ser negro no Brasil. Somos filhos da escola e da universidade pública, forjados nas resistências cotidianas e nas brechas abertas pelos movimentos sociais e pelas políticas públicas de ações afirmativas e sociais.

Chegar ao mestrado em Educação representou não apenas a continuidade de um percurso acadêmico, mas também a materialização de um sonho historicamente negado a corpos negros e periféricos. A experiência de internacionalização em Moçambique surge, nesse contexto, como uma conquista coletiva e simbólica — um voo outrora visto como impossível, agora possível graças às lutas do povo negro e às políticas que permitiram que jovens como nós ultrapassassem fronteiras geográficas e epistemológicas.

O trabalho está estruturado em seis tópicos principais. O primeiro, "Primeiras Marés: o chamado da travessia", corresponde à introdução, na qual se apresenta o ponto de partida da pesquisa e o propósito da jornada acadêmica. O segundo, "Cartografias do Atlântico: territórios, memórias e encontros", refere-se à contextualização, abordando o processo de internacionalização no Brasil e os diálogos estabelecidos neste movimento. O terceiro, "Travessias e Encontros: a experiência vivida em Moçambique", apresenta o relato de experiência, descrevendo as vivências e aprendizados adquiridos durante o intercâmbio. O

quarto, “Marés de Retorno: aprendizagens e reexistências afro-diaspóricas”, compreende o momento das reflexões e análises, em que são tecidas interpretações sobre as experiências à luz de referenciais teóricos. O quinto, “Portos e Horizontes: o que permanece após a travessia”, reúne as considerações finais, destacando os principais legados e desdobramentos da trajetória vivida. Por fim, o sexto tópico apresenta as referências utilizadas ao longo do trabalho, que sustentam o percurso teórico e metodológico da pesquisa.

## **2. Cartografias do Atlântico: territórios, memórias e encontros**

A internacionalização das Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras tem se consolidado como tema central nos debates sobre educação contemporânea, mas ainda carece de políticas públicas estruturadas e inclusivas que garantam a democratização do acesso. Apesar de instrumentos como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), o Plano Nacional de Educação (PNE) (2014–2024) e o Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG) reconhecerem sua importância, historicamente, a internacionalização seguiu um modelo elitista e eurocêntrico, voltado às universidades do Norte Global.

Nos governos Lula (2003–2010) e na atual gestão (2023–2026), observa-se um redirecionamento político-pedagógico que busca romper com a lógica colonial e fortalecer a cooperação acadêmica Sul-Sul. Programas como o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) e o Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG)<sup>2</sup>, bem como a criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)<sup>3</sup>, expressam esse movimento de valorização das relações entre o Brasil, a América Latina e a África.

---

<sup>2</sup> O Programa de Estudantes-Convênio (PEC) é uma política de internacionalização do ensino superior brasileiro que mantém duas frentes de atuação: o PEC-G, destinado a estudantes estrangeiros que desejam cursar a graduação em instituições públicas brasileiras sem custos, e o PEC-PG, voltado à concessão de bolsas de mestrado e doutorado para cidadãos de países parceiros. Ambos têm como propósito ampliar a cooperação educacional, fortalecer relações entre nações e incentivar que os participantes regressem aos seus países de origem, contribuindo para o desenvolvimento local e para a continuidade dos vínculos bilaterais.

<sup>3</sup> A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e a Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) são instituições federais criadas com o propósito de ampliar a integração regional e internacional por meio da educação superior. A UNILAB, sediada no Ceará, volta-se para a cooperação entre o Brasil e os países de língua portuguesa,

Nesse contexto, o Programa Abdias Nascimento (2013) representa um marco na democratização da internacionalização, ao promover o acesso de estudantes negros, indígenas e de baixa renda a oportunidades acadêmicas no exterior. Inspirado no legado de Abdias do Nascimento, o programa insere a dimensão racial e social nas políticas de mobilidade acadêmica, fomentando parcerias com instituições africanas e latino-americanas e afirmando que não há internacionalização justa sem equidade racial e reparação histórica.

De forma complementar, o Programa Caminhos Amefricanos, lançado em 2023, reforça essa política de integração regional e solidariedade entre povos do Sul Global, priorizando o intercâmbio entre o Brasil e países da América Latina, Caribe e África. A iniciativa busca reconhecer as conexões históricas, culturais e linguísticas amefricanas, fortalecendo uma visão de internacionalização crítica, descolonial e comprometida com a diversidade epistêmica e cultural.

Assim, as políticas recentes de internacionalização reafirmam o compromisso do governo Lula com uma educação superior antirracista, intercultural e decolonial, que transforma o Atlântico em espaço de encontro, diálogo e reconstrução de memórias, e não de subordinação. A partir dessas experiências, o Brasil se reposiciona como protagonista na construção de uma nova cartografia da cooperação acadêmica global, centrada na reciprocidade, na justiça cognitiva e na valorização dos povos do Sul.

Para iniciar o relato e a descrição da experiência vivida, faz-se necessário contextualizar o leitor acerca do cenário que possibilitou a realização de um intercâmbio internacional. A oportunidade de viajar para Maputo, capital de Moçambique, no continente africano, e estudar em uma das mais renomadas instituições do país — a Universidade Pedagógica de Maputo (UP) — surgiu a partir da nossa vinculação ao Programa de Pós-Graduação em Educação de uma universidade pública federal de excelência, a Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

---

especialmente os que compõem a CPLP. Já a UNILA, localizada em Foz do Iguaçu, direciona suas ações para o fortalecimento das relações acadêmicas e culturais no contexto latino-americano. Ambas oferecem ensino público e gratuito, contam com processos seletivos próprios para estudantes estrangeiros e se tornaram polos de atração internacional, desempenhando papel estratégico na promoção do intercâmbio cultural, científico e político, cada uma com sua missão particular, mas convergindo no compromisso de construir redes globais de formação e conhecimento.

No âmbito das universidades federais, há diversos incentivos voltados à pesquisa e à formação acadêmica em diferentes áreas do conhecimento. Contudo, a experiência do intercâmbio científico foi viabilizada, especificamente, por meio das ações do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) da UFU, em articulação com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o Ministério da Educação (MEC), por intermédio de um programa voltado à internacionalização e ao fortalecimento das relações acadêmicas, chamado Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias Nascimento. Mas, afinal, o que são essas instituições e qual é o intuito desse programa?

De início, para a resolução da pergunta, começemos pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), que, segundo o *Comunica UFU* (2024), é um espaço institucional comprometido com a promoção da igualdade racial e com a valorização da negritude. Criado em 2006, o núcleo surgiu a partir das mobilizações acadêmicas em defesa das ações afirmativas e tem como objetivo central o desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão voltadas às temáticas étnico-raciais. Promove eventos acadêmicos e culturais — como encontros, seminários, congressos e minicursos de formação — que buscam fortalecer o debate e a produção de conhecimento sobre as relações raciais. Realiza, ainda, reuniões periódicas para discutir temas de interesse da população negra na universidade, incluindo filmes, músicas e outros conteúdos relacionados à cultura afro-brasileira e à identidade étnico-racial.

Entretanto, o que insere o NEAB em nossas trajetórias é o projeto desenvolvido pelo núcleo, intitulado *“Formação Intercultural em Estudos Afro-Brasileiros e Africanos: conexões entre Brasil e Moçambique”*, que contou com o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), vinculada ao Ministério da Educação (MEC).

A propósito, de acordo com informações do Governo Federal (BRASIL, 2025a), a CAPES, vinculada ao MEC, tem como principal missão promover a expansão e o fortalecimento da pós-graduação no país. Além de contribuir para a formação de professores da educação básica, destaca-se por fomentar a qualificação de profissionais no Brasil e no exterior, consolidando sua atuação na promoção da cooperação acadêmica e científica internacional. É nesse contexto

de forte investimento em ciência e educação que surgem projetos e programas como o Abdias Nascimento.

O Programa Abdias Nascimento, segundo dados do Governo Federal (BRASIL, 2025b), é resultado de uma parceria entre a SECADI/MEC e a CAPES. Seu objetivo é promover a estruturação, o fortalecimento e a internacionalização da pesquisa e da pós-graduação por meio da mobilidade docente e discente. Inspirado no legado do intelectual e ativista Abdias Nascimento, o programa reafirma o compromisso do Estado brasileiro com a equidade racial, ampliando o acesso de grupos historicamente excluídos — especialmente estudantes negros, quilombolas, indígenas e pessoas com deficiência — à formação acadêmica de excelência em universidades e centros de pesquisa no Brasil e no exterior.

Essa iniciativa visa à formação de lideranças negras e de outras minorias em espaços científicos e tecnológicos, consolidando uma política de inclusão que alia o combate ao racismo estrutural à promoção da produção de conhecimento global. O programa contempla bolsas de estudo em modalidades como mestrado e doutorado sanduíche, além de missões de trabalho internacionais, assegurando apoio financeiro, seguro-saúde e auxílio-deslocamento. Com duração de quatro anos por projeto, o Programa Abdias Nascimento representa um marco na democratização da educação superior e na inserção da perspectiva afro-brasileira na cooperação acadêmica internacional.

Aproveitando a oportunidade proporcionada pelo Programa Abdias Nascimento, o NEAB/UFU propôs o projeto *“Formação Intercultural em Estudos Afro-Brasileiros e Africanos: conexões entre Brasil e Moçambique”*. Após a aprovação, foi publicado um edital que selecionou seis estudantes negros de pós-graduação e seus respectivos projetos de pesquisa para participarem de uma experiência internacional de intercâmbio acadêmico.

Os projetos aprovados deveriam apresentar coerência temática com os objetivos da viagem e da formação intercultural proposta. Nesse contexto, foram desenvolvidas pesquisas que abordaram as inter-relações culturais e intelectuais entre Brasil e Moçambique, evidenciando a relevância do intercâmbio acadêmico promovido pelo projeto.

### **3. Travessias e Encontros: a experiência vivida em Moçambique**

Depois de apresentar o programa e o projeto que possibilitou a construção deste relato, apresentamos agora esta experiência que nos marcou, com as atividades, visitas, estudos.

Entre os estudos, destaca-se o intitulado *“Mapeamento sobre a troca cultural entre Brasil e Moçambique: intelectuais brasileiros/as referenciados/as na produção acadêmica moçambicana”*, cujo objetivo foi identificar e analisar os autores brasileiros citados em produções pedagógicas moçambicanas, de modo a quantificar e refletir sobre a importância da circulação e do diálogo de saberes entre países racializados.

Chegando a Maputo, durante a interação com o material disponível na Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Pedagógica, foi possível analisar 47 teses e dissertações, das quais 30 foram selecionadas para participar da pesquisa por serem específicas da área de Educação. Após a realização das análises e a montagem do banco de dados, foi possível, já de volta ao Brasil, elaborar um artigo expondo os dados e demonstrando como a ciência brasileira é amplamente utilizada na área pedagógica de Moçambique, principalmente no que diz respeito às metodologias científicas e às organizações textuais. O estudo comprova que a ciência brasileira se expande e contribui para a construção científica da Universidade Pedagógica de Maputo.

Outra pesquisa, intitulada *“Educomunicação Socioambiental e Justiça Ambiental Antirracista: uma análise na formação de professores em Moçambique”*, teve como objetivo principal investigar como as práticas educacionais socioambientais podem auxiliar, nos cursos de formação de professores em Moçambique (Ensino Básico e Educação de Infância – UPM), no ensino da Educação Ambiental com foco na Justiça Ambiental. O estudo também teve como objetivos apresentar os cenários pesquisados na Universidade Pedagógica de Maputo (UPM) e construir práticas educacionais com estudantes dos cursos de Ensino Básico e Educação de Infância, com vistas a comunicar sobre a crise ambiental e a denunciar o racismo ambiental.

No entanto, ao chegar a Maputo, a pesquisa direcionou-se para o Estágio em Docência, e, em vez de ser desenvolvida com os cursos de Ensino Básico e Educação de Infância, o pesquisador passou a atuar no curso de Pedagogia,

especificamente na disciplina de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Essa mudança de foco, contudo, não comprometeu o alcance dos objetivos inicialmente propostos, que foram plenamente atingidos. Durante o estágio, foram trabalhadas tanto a teoria quanto a prática da educomunicação, com a produção de materiais educacionais elaborados a partir das percepções e entendimentos das problemáticas levantadas pelos(as) estudantes.

Todavia, não foi trabalhada a questão ambiental, pois, não foi trazida pelos(as) discentes e, conforme Sartori (2021) a educomunicação é um processo que

a aprendizagem é um processo criativo, coletivo, autoral e descentrado, no qual o centro deixa de ser o professor, porque a própria interação não tem um centro fixo, mas esse núcleo é movente, desloca-se de acordo com a ação e o interesse dos que com ele interagem (SARTORI, 2021, p. 43).

Do mesmo modo, conforme Soares (2011), a educomunicação deve ser compreendida como um campo que promove o diálogo, a autonomia e a autoria dos sujeitos no processo educativo. Assim, as temáticas devem emergir das vontades, interesses e contextos de cada estudante, cabendo ao professor o papel de mediador do processo comunicativo e formativo. Da mesma forma, defende Kaplún (1998), ao afirmar que a comunicação educativa deve ser horizontal e participativa, construída “com” os sujeitos e não “para” eles.

Dando continuidade, as pesquisas mencionadas foram desenvolvidas no âmbito da Universidade Pedagógica de Maputo, na unidade do campus Languene, localizada em um dos muitos bairros da grande cidade de Maputo. No entanto, as atividades do intercâmbio não se restringiram às paredes institucionais, pois o edital contemplou seis jovens negros oriundos de diferentes realidades e localidades, mas que compartilhavam o mesmo sentimento em relação ao continente africano: um sentimento de pertencimento e de retorno a um lugar do qual, em decorrência dos cruéis processos de escravização, nossos ancestrais foram arrancados. Assim, vivenciamos intensamente outras experiências históricas, culturais, linguísticas, entre outras.

Esse tipo de experiência não seria possível sem o trabalho de campo e sem a observação, pois, de acordo com Angrosino (2009, p. 74), de forma ampla, “[...]”

observação é o ato de perceber um fenômeno, muitas vezes com instrumentos, e registrá-lo com propósitos científicos". Além disso, no contexto da pesquisa e de uma viagem intercontinental, ricas são as observações que ocorreram diretamente em campo, permitindo que o pesquisador se insira nas realidades estudadas.

Os locais de vivências, aprendizados e observações foram na cidade de Maputo e em outras localidades. As atividades desenvolvidas em Moçambique compreenderam uma série de experiências acadêmicas, culturais e artísticas que possibilitaram uma imersão profunda nas dinâmicas sociais e educacionais do país. A primeira delas foi a visita à Escola Secundária da Polana, acompanhando a abertura do ano letivo de 2025. Essa experiência permitiu observar o funcionamento da instituição de ensino no início do calendário escolar e compreender aspectos organizacionais, pedagógicos e culturais do sistema educacional moçambicano.

Em seguida, realizou-se uma visita à Fundação Fernando Leite Couto, ocasião em que a instituição foi apresentada pelo próprio escritor Mia Couto, vencedor do Prêmio Camões em 2013. O encontro proporcionou um diálogo enriquecedor sobre literatura, cultura e o papel das fundações na preservação da memória literária e histórica do país.

Outro momento marcante foi a visita à residência da escritora Paulina Chiziane, vencedora do Prêmio Camões em 2021 e do Prémio José Craveirinha em 2003. Durante o encontro, houve uma valiosa troca de reflexões e conhecimentos sobre literatura, ancestralidade e identidade, fortalecendo a compreensão das produções literárias africanas.

Imagem 1: Intercambistas na casa da Paulina em uma roda de conversa.



Fonte: Arquivos dos autores (2025).

Também ocorreu um encontro com o reitor Jorge Ferrão, imagem 2, na Universidade Pedagógica de Maputo, no campus Polana, que possibilitou o diálogo sobre experiências acadêmicas e a importância das cooperações interinstitucionais entre Moçambique e o Brasil.

Imagem 2: Foto em Frente da Reitoria da Universidade Pedagógica de Maputo com o reitor e os diretores responsáveis pela cooperação.



Fonte: Arquivo dos autores (2025).

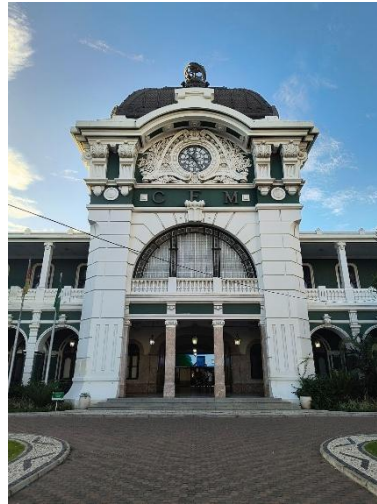
Foram realizadas diversas visitas a museus da cidade de Maputo, entre eles o Museu Nacional da Moeda, o Museu das Pescas, o Museu da Fortaleza, o Museu da Mafalala, o Museu da Estação Central dos Caminhos de Ferro de Moçambique (CFM) - imagem 3 -, o Museu Nacional de Arte (MUSART) e o Museu Nacional de Geologia. Essas visitas contribuíram significativamente para a compreensão da complexidade cultural e histórica do país, funcionando como verdadeiras aulas sobre os temas abordados, ministradas por especialistas e guias locais.

Houve, ainda, a participação como ouvinte na palestra intitulada “*Histórias entrelaçadas em Moçambique e as contribuições em pesquisas acadêmicas no Brasil*”, realizada no Instituto Guimarães Rosa (IGR), do Centro Cultural Brasil-Moçambique (CCBM). Além disso, foram desenvolvidas outras atividades culturais e educacionais no mesmo espaço, promovendo o intercâmbio artístico, linguístico e acadêmico entre os participantes.

Outro momento relevante foi a visita guiada ao bairro do Aeroporto e à residência do artista plástico e poeta moçambicano Malangatana Valente Ngwenya, conduzida por seu filho Mutxhini. Durante a visita, foi possível conhecer o acervo do artista, suas obras (imagem 4) e a história do bairro, que possui forte relação com a arte de Malangatana. O local encontra-se em processo de

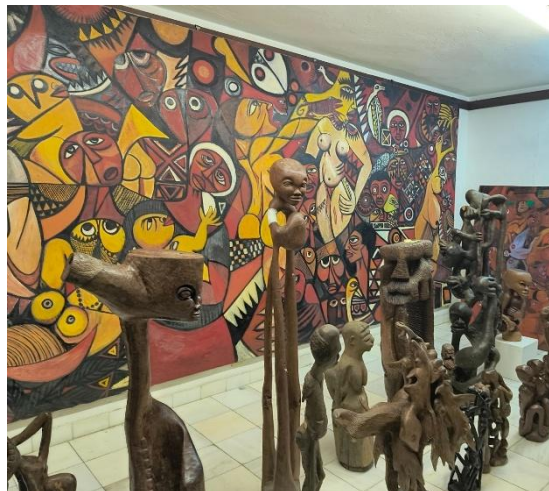
transformação em museu, o que reforça o legado do artista para a cultura moçambicana.

Imagem 3: Entrada do CFM.



Fonte: Arquivo dos autores, (2025).

Imagem 4: Estruturas do Malangatana.



Fonte: Arquivo dos autores (2025).

Também foi realizada uma visita ao bairro Zimpeto, com o objetivo de conhecer o Estádio Nacional (imagem 5) e os projetos de agricultura familiar desenvolvidos às margens do rio Mulauzi. Essa atividade permitiu compreender aspectos da economia local, das práticas comunitárias e da sustentabilidade alimentar na região.

Imagem 5: Estádio Nacional do Zimpeto



Fonte: Arquivo dos autores (2025).

No campo artístico, foram produzidos dois videoclipes musicais que uniram as línguas xi-changana, português brasileiro e português moçambicano. O primeiro, intitulado “*Conexão Brasil-Moçambique*”, foi gravado no mercado histórico de Xhiphamini, na zona do Chamanculo, e contou com a participação dos artistas locais Eduardo Salmo e Grande Homem, (imagem 6). O segundo videoclipe, intitulado “*Mundo Novo*”, foi ambientado nos bairros Albazine e Unidade 7, com participação especial da escritora Paulina Chiziane, vencedora do Prêmio Camões de Literatura.

Imagem 6: Produtor e artistas gravando o clipe no Xhiphamini.



Fonte: Arquivo dos autores (2025).

Durante o período da estadia foram concedidas duas entrevistas à televisão moçambicana, nas quais foram abordados temas como a pesquisa desenvolvida na Universidade Pedagógica de Maputo, o intercâmbio Brasil-Moçambique e a

produção do videoclipe “*Conexão Brasil–Moçambique*”. Por fim, houve a participação como palestrantes no evento “*I Encontro Conexões entre Brasil e Moçambique: Estudos Afro-Brasileiros e Africanos em Diálogo*”, ocasião em que foram apresentadas as pesquisas desenvolvidas em Moçambique a docentes e discentes moçambicanos, promovendo o diálogo acadêmico e cultural entre os dois países.

Saindo da cidade de Maputo, também pudemos ir a Marracuene, participar do festival chamado *Gwaza Muthini* (imagem 7). Este festival não é somente um espaço para lazer e diversão, com suas diversas atrações musicais locais e ritmos tradicionais, mas também um evento para lembrar e não deixar ser esquecida uma das batalhas mais intensas e sangrentas da história do país.

Imagem 7: Palco do evento e pessoas assistindo o show.



Fonte: Arquivo dos autores (2025).

Segundo o portal moçambicano *Entre Aspas* (2025), o festival relembra a Batalha de Gwaza-Muthini, que ocorreu entre os dias 2 e 3 de fevereiro de 1895, nas margens do rio Incomáti, em Marracuene. O confronto foi marcado pela estratégia militar portuguesa, que utilizou a formação em quadrado como barreira de defesa, e pela resistência dos guerreiros do Império de Gaza, que, embora tenham conseguido desestabilizar o exército inimigo em alguns momentos, acabaram sendo derrotados.

Os combatentes tombados foram sepultados em uma vala comum, posteriormente transformada em monumento em homenagem à batalha. Lideradas por Nwamatibyana, Zihlahla, Mahazule e Mulungu, as forças locais enfrentaram o avanço colonial português, sendo o episódio lembrado como

“*Gwaza Muthini*”, expressão em língua ronga que significa “morrer em casa”. Apesar da derrota militar, o evento permanece, para os habitantes de Marracuene, como símbolo de resistência e de valorização do espírito heroico dos antepassados.

Outro evento de destaque dentro das atividades de campo realizadas foi a visita à Ilha da Inhaca (imagem 8), que, de acordo com Pereira e Nascimento (2006), trata-se de uma pequena formação insular localizada no Oceano Índico, especificamente na Baía de Maputo, em Moçambique. Situada a aproximadamente 32 quilômetros de Maputo, capital do país, a ilha possui uma área total de cerca de 42 km<sup>2</sup>, sendo a maior das duas que compõem o Arquipélago da Inhaca, juntamente com a Ilha dos Portugueses. O nome “Inhaca” tem origem na adaptação do termo “Nhaca”, que faz referência a um antigo chefe tsonga que viveu na região de Maputo por volta do século XVI, cuja dinastia deu nome ao local.

Imagem 8: Porto e entrada da Ilha



Fonte: Arquivo dos autores (2025).

Mais recentemente, o Conselho Municipal passou a designar o arquipélago como Distrito Municipal Ka-Nhaca, expressão que, em língua ronga, significa “De Nhaca”. Sob o ponto de vista político-administrativo, a Ilha da Inhaca pertence à região sul de Moçambique e integra o Município de Maputo, sendo subdividida em

três bairros — Ribjene, Inguane e Nyakeni. A Ilha dos Portugueses, embora também faça parte desse distrito, não possui população residente.

#### **4. Marés de Retorno: aprendizagens e reexistências afro-diaspóricas**

Todas as experiências vividas e os lugares visitados ampliaram a compreensão não apenas sobre Moçambique, mas também acerca da complexidade e da diversidade da cultura negra, bem como dos processos históricos marcados pela herança colonial — aspecto que conecta profundamente Brasil e África.

Pensar a identidade negra, muitas vezes a partir de um ponto de vista brasileiro, revela-se um exercício de constante mistura e reconstrução. Sob o guarda-chuva deste termo abrigam-se milhares de etnias, línguas, saberes, famílias, localidades e povos. Estar no continente africano contribuiu para desmistificar diversas concepções sobre a negritude impostas pelo racismo brasileiro, funcionando como um gesto de recusa ao que Sueli Carneiro (2023) denomina “epistemicídio” — um projeto de indigência cultural historicamente construído no país.

O contato com as diferentes famílias étnicas e com a pluralidade linguística — como o Tsonga, o Xi-changana, o Makonde, o Makua, entre tantas outras línguas faladas em Maputo e em várias regiões do país — revela a complexidade que envolve a noção de negritude e a multiplicidade dos povos africanos. Para nós, esses povos tornaram-se, em razão dos processos coloniais, memórias fragmentadas e ancestrais a serem reconstituídas. Assim, estar em Moçambique e poder relatar essas vivências constitui uma experiência singular, de profundo significado histórico, formativo e político.

Por fim, oportunidades de internacionalização como esta possibilitam a construção de pontes e caminhos necessários à superação da colonialidade (QUIJANO, 2000), estimulando reflexões a partir de múltiplos pontos de vista. É evidente, portanto, que retornamos como futuros mestres em Educação com um olhar mais sensível e crítico aos processos históricos, ao presente e ao futuro — tanto do Brasil quanto de Moçambique.

## 5. Portos e Horizontes: o que permanece após a travessia

Este relato teve como propósito compartilhar uma experiência de internacionalização e refletir sobre a importância dessas políticas para jovens negros, evidenciando as confluências com o Sul Global, especialmente com o continente africano. Nesse sentido, como nos lembra Nego Bispo (2023, p.10):

Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio; ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluência, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia.

Inspirados por essa metáfora, compreendemos o intercâmbio como um movimento de confluência e fortalecimento mútuo. Não se trata de levar conhecimento, mas de fazê-lo render, ampliar e se transformar. É um processo de encontro, em que permanecemos sendo nós — brasileiros e moçambicanos — sem perder nossas essências, mas reconhecendo-nos uns nos outros e com os outros.

Diferente da lógica colonial que, historicamente, estruturou os intercâmbios a partir da exploração e da imposição, nossa travessia foi contrária a esse modelo. Fomos a Moçambique de forma livre e consciente, reconhecendo as marcas coloniais, mas também abertos às possibilidades de aprender com o povo moçambicano. Assim, vivenciamos o que Paulo Freire (1996) expressa: ao ensinar, aprendemos; e ao aprender, ensinamos.

Retornamos ao Brasil com o desejo de voltar — com a saudade do povo, das paisagens, das aventuras e da cultura moçambicana, tão próxima e, ao mesmo tempo, singular. Uma cultura rica, resistente e cheia de vida, que reafirma que a língua é um instrumento de sobrevivência e a cultura, um território de resistência e identidade.

O porto que deixamos e o horizonte que vislumbramos após essa travessia nos fazem compreender que internacionalizar é também afrocentrar o olhar: é permitir que outros modos de ser, de saber e de viver se encontrem, sem hierarquias. Esperamos, assim, que mais jovens negros, sejam ou não pós-graduandos, tenham a oportunidade de viver experiências de internacionalização direcionadas para o Sul Global, para que as universidades se tornem, de fato,

espaços antirracistas e comprometidos com a construção de currículos decoloniais — contrários à educação colonial e abertos às pedagogias da travessia.

## Referências

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante: coleção pesquisa qualitativa**. Porto Alegre, RS: Bookman Editora, 2009.

BISPO, Antônio dos Santos. 2023. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora / Piseagrama. 112 p.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **História e missão**. Brasília, DF: CAPES, [2025a]. <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/institucional/historia-e-missao>. Acesso em: 14 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias Nascimento**. Publicado em 01 jan. 2015b. Atualizado em 14 out. 2025. <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/bolsas/bolsas-e-auxilios-internacionais/encontre-aqui/paises/multinacional/programa-de-desenvolvimento-academico-abdias-nascimento>. Acesso em: 14 out. 2025.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

COMUNICA UFU. **Você conhece o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da UFU?** Uberlândia, 19 nov. 2024. <https://comunica.ufu.br/noticias/2024/11/voce-conhece-o-nucleo-de-estudos-afro-brasileiros-da-ufu>. Acesso em: 14 out. 2025.

DJONGA. **Livre**. Youtube, 13 mar. 2025. [https://www.youtube.com/watch?v=ks0lQUfc33w&list=RDks0lQUfc33w&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=ks0lQUfc33w&list=RDks0lQUfc33w&start_radio=1)

ENTRE ASPAS. **“Gwaza Muthini” celebra 130 anos este domingo com muita pompa em Marracuene**. Entre Aspas, 30 jan. 2025. <https://entreaspas.co.mz/gwaza.html>. Acesso em 15 out.2025.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

hooks, bell. **Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

KAPLÚN, Mario. **Una pedagogía de la comunicación**. Madri, Ediciones de la Torre, 1998.

PEREIRA, Inocência José João Francisco; NASCIMENTO, Flávio Rodrigues do. **Avaliação dos recursos naturais na Ilha da Inhaca (Oceano Índico, Moçambique): primeira aproximação**. *Boletim Goiano de Geografia*, Goiânia: Universidade Federal de Goiás, v. 26, n. 1, p. 45-58, 2006. <https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/302>. Acesso em: 15 out. 2025.

QUIJANO, Aníbal. "**Colonialidad del poder y clasificación social**". *Journal of world-systems research*, v. 11, n. 2, p. 342-386, 2000.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SARTORI, Ademilde Silveira. **Ecossistemas educomunicativos e isolamento social: perspectivas para práticas pedagógicas educomunicativas**. In: MARTINI, Rafael Gué; FIUZA, Patrícia Jantsch; SARTORI, Ademilde Silveira (org.). *Educomunicação em tempos de pandemia: práticas e desafios*. Porto Alegre: Rede de Universidades Comunitárias do Sul (Comung), 2021, p. 33-47.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma o ensino médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.